

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIA: O SURGIMENTO DE UM NOVO PERFIL DOCENTE.

Resumo

A entrada das novas tecnologias de informação e comunicação na sala de aula exige dos educadores um novo perfil profissional. Inúmeros estudos na área da formação de professores apontam estes desafios em termos dos saberes, das teorias e das práticas referentes ao cotidiano docente. Cresce a necessidade de atualização constante do professor não só em relação à sua disciplina específica, como também no que se refere às metodologias de ensino e às novas tecnologias. Nesta pesquisa foi aplicada uma enquete a 110 professores do Rio de Janeiro, no intuito de conhecer a realidade desse profissional diante destes novos desafios. Aos professores perguntamos: “Quais as principais características do professor que vai trabalhar em ambientes virtuais de aprendizagem?”. As respostas foram analisadas e categorizadas, sendo citadas 42 características diferentes, das quais a mais citada foi o domínio das tecnologias. A segunda característica mais lembrada pelos professores foi a constante atualização. Em terceiro lugar veio o dinamismo, citado 19 vezes, e logo depois a disponibilidade, em 18 respostas. Os professores também afirmaram a necessidade desse “novo profissional” ser um motivador de seus alunos, criativo e comunicativo.

Palavras-chave: Tecnologia de Informação e Comunicação; Formação de professores; Aprendizagem; Educação continuada.

A formação inicial e continuada dos professores para uma nova realidade

A entrada das novas tecnologias de informação e comunicação na sala de aula trouxe um novo desafio para a educação: como tais ferramentas, que os alunos não raro já dominam, podem ser aproveitadas por professores que frequentemente mal as conhecem?

Inúmeros estudos na área da formação de professores apontam os desafios deste século XXI em termos dos saberes, das teorias e das práticas referentes ao cotidiano docente. Neste contexto parece inevitável que os educadores tenham clareza da necessidade de se adequarem, de forma crítica e reflexiva, aos desafios e demandas educacionais apontados como referenciais deste século, superando concepções ultrapassadas do pleno desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem na sociedade atual. Apesar das várias propostas existentes no âmbito da educação, relativas a qualidade do ensino, percebe-se que os resultados continuam insatisfatórios, o que demonstra a necessidade de mudanças. Nesse aspecto o professor torna-se um dos principais protagonistas dessa mudança, portanto sua formação e sua prática merecem cada vez mais atenção.

Na perspectiva da construção de uma escola renovada, apta a responder às exigências de uma sociedade em permanente mudança, torna-se urgente uma reflexão profunda sobre a formação dos docentes, numa lógica global e construtivista, tendo como objetivos

finais a melhoria da qualidade do ensino e a defesa da identidade docente. E é impossível falar em qualidade de ensino, sem falar da formação do professor, questões que estão intimamente ligadas.

A formação do professor é o ponto chave para a modernização do ensino. A necessidade de atualização constante do professor cresce e, nesse contexto, a universidade ocupa um papel essencial, mas não o único, para a formação do professor. Às universidades cabe o papel de oferecer os potenciais físicos, humanos e pedagógicos para a formação acontecer no melhor nível de qualidade.

Não é raro encontrarmos profissionais que responsabilizam a instituição pelo desajuste entre as informações recebidas e sua aplicabilidade. Nos cursos de formação inicial evidencia-se a distância que separa o currículo da realidade das escolas e da sociedade em geral. Em função de uma formação inicial muitas vezes insuficiente e desajustada da realidade, o professor já inicia sua vida profissional sem o aporte requerido para que responda às necessidades apresentadas pela sua profissão.

Quando se fala na questão da tecnologia na educação a situação se torna ainda mais preocupante. A formação dos professores que irão atuar neste século continua a mesma de décadas atrás, ignorando a maioria dos avanços científicos ocorridos no mundo, assim como a evolução das tecnologias que podem ser usadas em educação. Os saberes, as teorias e as práticas difundidos no passado estão se esgotando, uma vez que não dão conta de responder às necessidades das gerações futuras.

Ainda há um longo caminho para a formação de professores que, de fato, considere todas as possibilidades de uso da tecnologia na educação. A respeito do tema, Coombs já afirmava:

O professor, na maioria das vezes, é preparado para o ensino de ontem e não para o de amanhã, e se por acaso for preparado para o ensino de amanhã, logo se verá impedido de utilizar o seu preparo ao deparar-se com a realidade de seu primeiro emprego. A partir de então seu crescimento profissional é, na melhor das hipóteses, problemático. (...) É claro que os sistemas não se modernizarão sem que todo o modo de formação de professores passe por uma completa revisão, dinamizado pela pesquisa pedagógica, torne-se intelectualmente mais rico e estimulante, e vá além da formação pré-serviço, para tornar-se uma contínua renovação profissional para todos os professores. (COOMBS, 1976, p.238)

Além disso, é muito difícil, através de meios convencionais e da realidade encontrada em muitas escolas e universidades, preparar professores para usar adequadamente as novas tecnologias. É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que atuem, no entanto,

as novas tecnologias e seu impacto na sociedade são aspectos pouco trabalhados nos cursos de formação de professores, e as oportunidades de se atualizarem nem sempre são as mais adequadas à sua realidade e às suas necessidades.

As possibilidades para se propiciar aos professores o desenvolvimento de habilidades no uso das novas tecnologias podem variar bastante. A inclusão de uma disciplina específica nos cursos de formação de professores parece ser o caminho para que todos os futuros professores cheguem às escolas dominando certas habilidades. Para os professores em serviço, treinamentos na própria escola, cursos promovidos pelas Secretarias de Educação, convênios com outras instituições, como as universidades, são alternativas viáveis.

De qualquer forma, é imprescindível que os cursos levem os professores a considerar o impacto das tecnologias na sociedade, e a proposta pedagógica que irá fundamentar sua inserção na escola e na sua prática docente. Certamente, ignorar a demanda da tecnologia não é o melhor caminho.

Nesta perspectiva, apesar dos avanços já consolidados, é preciso continuar insistindo no que se refere aos resultados concretos das políticas educacionais e da pesquisa educacional, em prol da busca de aperfeiçoamento contínuo e progressivo na formação de professores. Na medida em que a formação se aproximar das necessidades reais dos professores, a dicotomia entre a teoria e a prática irá assumir contornos diferenciados, se tornando cada vez menor.

No que diz respeito à tecnologia, uma sólida formação inicial supõe uma competência técnica que não esteja desvinculada da realidade em que se insere, consciente da problemática criada na escola e na sociedade pelo advento das novas tecnologias. Significa ir além da problemática escolar, considerando o contexto em que se insere a educação na sociedade atual, com sua diversidade econômica e cultural, de modo a atuar de modo consciente e coerente com a realidade.

É evidente que os professores precisam romper com práticas arcaicas, que só se mantêm pelo comodismo ou temor de muitos, e repensar o fazer pedagógico, como um profissional crítico, questionador de sua própria prática. A facilidade com que os alunos interagem com a tecnologia impõe uma mudança de comportamento em sala de aula. Hoje já não é exclusividade dos mais jovens manter blogs, atualizar perfis em redes sociais ou bater papo com amigos na internet. A geração digital passou a exigir que o professor fizesse o mesmo, e ele está mudando pouco a pouco.

Em um mundo onde todos recorrem à rapidez do computador, nenhuma criança aguenta mais ouvir horas de explicações enfadonhas transcritas em uma lousa monocromática. A tecnologia faz parte do cotidiano. Os alunos esperam que o professor se utilize dela em sala de aula. Como explana Perrenoud, “as crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos” (2000, p.125). Seu papel mudou completamente, mas continua essencial, pois será sempre a capacidade do professor para selecionar e explorar as tecnologias adequadas ao seu contexto específico que dará a devida dimensão ao seu uso na educação, não só porque facilitará as tarefas de ensino, mas principalmente porque poderá facilitar e ampliar a aprendizagem de seus alunos.

É preciso atender às demandas de formação e contínua atualização de docentes, sobretudo porque a democratização do ensino requer professores com valores, conhecimentos, habilidades e competências que lhes permitam responder aos desafios que lhes apresenta o cotidiano na sociedade contemporânea.

O advento da economia globalizada e a forte influência dos avanços dos meios de comunicação e dos recursos de informática aliados à mudança de paradigma da ciência não comportam um ensino nas universidades que se caracterize por uma prática pedagógica conservadora, repetitiva e acrítica. As exigências de uma economia globalizada afetam diretamente a formação dos profissionais em todas as áreas do conhecimento. Torna-se relevante alertar que o profissional esperado para atuar na sociedade contemporânea exige hoje uma formação qualitativa diferenciada do que se tem ofertado em um grande número de universidades. (BEHRENS, 2000, p. 69).

A formação docente, compreendida como uma preparação sistemática para os diferentes aspectos da função, é o ponto fundamental para a modernização do ensino. Porém, a formação básica do professor não dá conta das mudanças rápidas e diversificadas que acompanham a profissão. Assim como para muitos profissionais, a expectativa de atuação do professor insere-se neste quadro de mudanças, gerando a necessidade de uma formação continuada.

Estamos na “era da informação” (CASTELLS, 2000) onde a sociedade tem na informação – ampliada com as tecnologias – sua maior fonte de produtividade e poder, a experiência educacional diversificada será a base fundamental para o sucesso; o que os estudantes necessitam não é dominar um conteúdo, mas dominar o processo de aprendizagem. Cada vez mais haverá necessidade de uma educação permanente, explorando todas as possibilidades oferecidas pela tecnologia.

É necessário que os

professores compreendam a relevância de manterem-se profissionalmente atualizados. A formação inicial e a formação continuada são dois tempos de uma mesma formação. Ambas estão comprometidas com a competência necessária ao exercício da docência, com a sociedade e com a comunidade em que se inserem.

Indo além da importância de uma formação inicial sólida, convém lembrar que a prática profissional se estende por 25 a 30 anos ou mais. Logo, dado o desenvolvimento contínuo da ciência, a formação inicial será, em qualquer circunstância e por melhor que seja, insuficiente, havendo necessidade de uma permanente atualização profissional. Portanto, não se pode afirmar que o professor está formado ao concluir sua formação básica. Esta é apenas o patamar inicial de sua formação como professor. É essencial propiciar alternativas de educação continuada para os professores.

Se as transformações que a sociedade vem sofrendo afetam o papel do professor, então são imprescindíveis mudanças na formação inicial dos futuros professores e a efetivação de uma política de formação continuada. E cabe também à universidade responder a esse chamado. Por um lado, favorecendo uma formação inicial articulada à prática e, por outro, abrindo-se à formação continuada, chamando os professores ao seu espaço para uma reflexão da prática.

Por excelência, a universidade é o local onde se privilegia a construção do conhecimento e do pensamento teórico. Logo, programas de parceria de escolas com universidades são importantes e necessários.

As mudanças desencadeadas pela sociedade do conhecimento têm desafiado as universidades no sentido de oferecer uma formação compatível com as necessidades deste momento histórico. A visão de terminalidade oferecida na graduação precisa ser ultrapassada, pois vem gerando uma crise significativa nos meios acadêmicos. Crise alimentada pela falsa idéia de que ao terminar o curso o aluno estará preparado para atuar plenamente na profissão. O novo desafio das universidades é instrumentalizar os alunos para um processo de educação continuada que deverá acompanhá-lo em toda a sua vida. (BEHRENS, 2000, p 70).

São grandes os desafios que o profissional docente enfrenta, mas manter-se atualizado e desenvolver práticas pedagógicas eficientes, são fundamentais. Como afirma Tardif:

Os saberes profissionais são temporais [...], pois são utilizados e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, de um processo de vida profissional de longa duração do qual fazem parte dimensões identitárias e dimensões de socialização profissional, bem como fases e mudanças. (TARDIF, 2002, p. 262).

Contudo, é importante trazer a formação continuada não somente como um espaço de atualização, mas sim como um espaço de reflexão mútua, onde o docente irá refletir sobre supostas dificuldades que esteja enfrentando em sua atuação profissional.

Segundo Nóvoa (2002, p. 25), "a Formação Continuada dos professores precisa acontecer no eixo investigação/reflexão". Por isso, a Formação Continuada não deve ser entendida como um simples processo de acumulação de cursos, palestras, seminários, etc. A aquisição de conhecimentos e técnicas é de grande importância, mas se aliada a um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional.

A rápida evolução da sociedade criou novas necessidades no campo da educação e, conseqüentemente, da formação, que levam à busca de alternativas aos sistemas tradicionais. Há que se incentivar novos estudos relacionados não só a possibilidades do uso de novas tecnologias na formação de professores, como também a própria formação desses professores em novas tecnologias. O professor precisa estar instrumentalizado para "ler" o novo.

É necessário que o professor seja capaz de refletir sobre sua prática e direcioná-la segundo a realidade em que atua, voltada aos interesses e às necessidades dos alunos. Ele precisa pensar e repensar a sua prática em todo instante e buscar constantemente o auto-aperfeiçoamento. E a formação continuada é um caminho para tal objetivo.

Educação tecnológica: uma saída?

Tanto na formação inicial quanto na educação continuada, quando falamos em tecnologia muitas vezes nos limitamos ao aspecto meramente técnico da questão. Porém é necessário muito mais que isso, é preciso ir além de apenas ensinar os professores a utilizar as ferramentas tecnológicas. Urge definir que tipo de educação é necessário para esse novo mundo, e em que medida a tecnologia pode apoiar esse tipo de educação. Os educadores devem fazer uso efetivo das várias tecnologias, de modo a oferecer aos alunos as experiências educacionais que serão exigidas num futuro próximo, preparando-os para seu papel na sociedade contemporânea.

O uso das novas tecnologias na escola deverá ser o resultado de uma decisão pedagógica global e não apenas uma opção técnica, seu ritmo deverá respeitar as particularidades de cada escola, para que venha efetivamente a contribuir para o benefício de todos, e não para aprofundar ainda mais as diferenças econômicas e sociais, especialmente entre as classes populares e as elites.

Segundo Postman: “As vantagens e desvantagens de novas tecnologias nunca são distribuídas equitativamente entre a população. Isto significa que toda nova tecnologia beneficia uns e prejudica outros.” (2002, p. 185)

Verifica-se, nas discussões sobre tecnologias aplicadas à educação, que as considerações mais comuns focalizam o meio ou a tecnologia e não o aluno ou o professor, e muitas vezes ignoram o contexto sócio-político-cultural em que a escola se situa. Do ponto de vista da educação a tecnologia não é tão importante quanto as possibilidades que oferece para propiciar melhor educação a maior número de pessoas. Portanto, torna-se fundamental oferecer aos educadores o que Postman chama de “educação tecnológica”.

Para Postman (2002), educação tecnológica são as investigações em torno dos meios pelos quais os seres humanos estenderam suas aptidões para transportar experiências através do tempo e controlar o espaço. Entender como cada nova tecnologia reordena os hábitos psíquicos, as relações sociais, as idéias políticas e a sensibilidade moral das pessoas. Implica numa visão crítica acerca da tecnologia e seus efeitos na sociedade, mostrando como ela refez o mundo e continua a refazê-lo.

Contudo, é possível afirmar que a tecnologia pode ter entrado nas escolas, mas não a educação tecnológica. Os educadores confundem o ensino da maneira de usar a tecnologia com educação tecnológica. Ela não é uma disciplina técnica.

Trata-se de saber como os significados de informação e educação se modificam quando novas tecnologias se impõem sobre uma cultura, como os sentidos de verdade, lei e inteligência diferem entre culturas orais, culturas escritas, culturas impressas, culturas eletrônicas. Educação tecnológica não é uma disciplina técnica. É um ramo das humanidades. O conhecimento técnico pode ser útil, mas ninguém precisa conhecer a física da televisão para estudar os efeitos sociais e políticos da televisão. (POSTMAN, 2002, p. 185)

Não se trata de estimular um professor **tecnófilo**, aquele que considera que a tecnologia vai resolver todos os problemas da educação, pois a cada década surge uma nova tecnologia, e cada uma delas foi considerada capaz de revolucionar a aprendizagem, e verifica-se que nenhuma foi tão efetiva quanto se esperava, o que demonstra a necessidade de manter uma postura crítica e um certo distanciamento dos modismos. É preciso ter consciência de que os problemas que a escola não consegue resolver sem a tecnologia provavelmente não conseguirá resolver com ela.

Também não se trata de reforçar o professor **tecnóforo**, aquele que tem verdadeira aversão à tecnologia e repudia por completo a sua entrada nas escolas, negando a todo tempo a sua importância.

Falando especificamente em educação, os tecnóforos chegam a afirmar que, pelo contrário, a tecnologia seria prejudicial ao ensino, seja pela falta de controle do professor sobre ela ou por causar indisciplina. Deve-se considerar, porém, que muitos professores que negam a tecnologia dessa forma têm medo de serem substituídos por ela, como muitos profetizam.

É preciso romper a resistência dos professores à inovação. No contexto de uma sociedade tecnológica, a educação exige uma abordagem diferente em que o componente tecnológico não pode ser ignorado. Os efeitos da introdução de novas tecnologias sobre a aprendizagem indicam que eles estão muito relacionados à qualidade do professor, portanto, o uso de tecnologias só levará a qualquer mudança na educação se, além de atender a outros condicionantes, contar com o apoio dos professores.

Também importante é analisar e compreender as mudanças que as novas tecnologias da informação e comunicação causam em processos como pensamento e comunicação, e que a educação existe em um novo contexto social e é gradualmente forçada a adaptar-se a ele. Considerando que o uso das tecnologias é um grande aliado da educação, mas que é o fazer pedagógico que determina os resultados dessa utilização, podemos citar Sobrinho:

Apresentada pelas novas tecnologias, eis uma das situações-limite nas quais se encontra a prática educacional de nossos dias: compatibilizar uma compreensão mais aprofundada dos processos cognitivos com outras formas de organização docente, diferentes das que hoje presidem o trabalho pedagógico em nossas escolas. (SOBRINHO, 1997, p. 153).

Para assumir novas tarefas e responsabilidades, como membro da comunidade e agente de mudança, o professor deve possuir novos conhecimentos, comportamentos e atitudes. Deve atender às exigências colocadas pela sociedade atual, e cumprir os novos papéis que lhe estão sendo destinados na formação de indivíduos aptos a enfrentar essa sociedade em rápida e contínua mudança.

Novas tecnologias multimídia colocam um verdadeiro desafio para os educadores. Inquestionavelmente, há oportunidades para aumentar a eficiência da aprendizagem e motivar os alunos de novas formas.

Também a tecnologia pode ter um significativo impacto sobre o papel dos professores, pela reciclagem constante recebida via rede, em termos de conteúdos, métodos e uso da

tecnologia, apoiando um modelo geral de ensino que encara os estudantes como participantes ativos do processo de aprendizagem, e não como receptores passivos de informações.

Muitas questões ainda estão sem respostas que permitam definir os objetivos para a utilização de novas tecnologias na educação, e determinar as estratégias de aplicação que considerem sua eficácia, problemas de equidade, financiamento, o “quê”, o “quem”, o “como” e o “para quê” desse uso.

É preciso que o professor seja capaz de perceber quais as vantagens e desvantagens das diferentes tecnologias, como elas podem favorecer o desenvolvimento dos processos educacionais, quais as conseqüências do seu uso generalizado no comportamento social e psicológico do aluno, quais as faculdades intelectuais que perdem importância numa sociedade informatizada em benefício de outras. Precisa compreender também se o uso do computador desenvolve faculdades intelectuais diferentes das pretendidas pelo ensino convencional e quais os modelos mais adequados de interação professor-aluno-computador.

Essas e outras questões devem ser investigadas para que tenhamos mais segurança para integrar as novas tecnologias à educação, a partir de uma adequada formação de professores. É imprescindível termos consciência de que mesmo que um professor saiba manusear com eficiência todas as ferramentas tecnológicas, mas não consiga responder às questões citadas, ele não estará apto a fazer um trabalho de qualidade com a tecnologia com os seus alunos.

É preciso ter cuidado com a excessiva preocupação com os aspectos técnicos, pois o mais importante é a relevância social da apropriação das novas tecnologias por todos, alunos e professores. E o papel do professor é fundamental nesse processo.

O desafio atual que educadores, pesquisadores e a sociedade como um todo enfrenta, não é ignorar a demanda da tecnologia e, muito menos, de deixarmos de estar atentos que não é a tecnologia que está fazendo isto ou aquilo, mas é o próprio homem que a está utilizando de forma adequada ou inadequada.

Temos que ter consciência de seu uso, clareza em nossas ações, desenvolver formas de uso benéfico na busca de melhoria na qualidade de vida coletiva, interagir com o conhecimento tecnológico (do mais elementar ao mais sofisticado) de forma reflexiva e crítica, e dinamizar sempre os novos conhecimentos com a realidade da vida.

Muitos questionamentos podem ser feitos em relação ao tipo de formação, tanto inicial quanto continuada, que tem sido dada aos professores. Entre eles, podemos nos

perguntar: o professor está sendo efetivamente preparado para usar as novas tecnologias? Novas e diferentes tarefas docentes não exigirão algo mais em sua formação? Está sendo desenvolvida uma consciência do impacto das novas tecnologias na sociedade?

Portanto, torna-se necessário construir caminhos para os professores se apropriarem criticamente das novas tecnologias para que acompanhem os significativos avanços científicos e tecnológicos, atendendo às demandas de uma sociedade cada vez mais informatizada e em constante transformação.

Os cursos de formação de professores, seja na formação inicial ou em possibilidades de educação continuada, devem propiciar aos profissionais variadas experiências com as novas tecnologias, levando-os a estabelecerem seu potencial para uso nas áreas e atividades para as quais podem contribuir, a partir da análise do contexto em que vão ser inseridas.

O Professor frente às tecnologias – Procedimentos e resultados da pesquisa

Procurando entender melhor a relação professor/tecnologia em sala de aula, visando a percepção do professor sobre o novo perfil profissional, sua influência e suas práticas, foi aplicada uma enquete em um grupo de 110 professores do município do Rio de Janeiro, no intuito de levantar a realidade desse profissional diante dos novos desafios que se apresentam.

Para a coleta de dados foi utilizada como metodologia de pesquisa a enquete. Pinsonneault e Kraemer (1993) atribuem três características básicas à pesquisa por enquete. Primeiramente, ela se propõe a fornecer descrições quantitativas de determinados aspectos da população estudada. A análise pode consistir em estabelecer relações entre variáveis ou em realizar projeções acerca da população estudada. Em segundo lugar, a coleta de dados é realizada, via de regra, a partir de questionários estruturados e pré-definidos. As respostas a estas questões constituem os dados que são analisados.

Finalmente, as informações são em geral coletadas junto a uma fração, ou amostra, da população-alvo. Eis por que esta amostra deve ser representativa e relevante, pois apenas isso garantirá a validade da análise em termos estatísticos, bem como um certo grau de generalização no tocante às conclusões.

Inicialmente, é importante identificar a natureza da pesquisa por enquete, se é exploratória, descritiva ou explicativa. No caso de uma pesquisa exploratória, trata-se de aprofundar conceitos preliminares, muitas vezes inéditos. Segundo Pinsonneault e Kraemer (1993), a enquete possibilita identificar elementos que dizem respeito, provavelmente, à população-alvo escolhida. Seu objetivo precípua é desenvolver as hipóteses e as proposições que irão redundar em pesquisas complementares. Assim sendo, a pesquisa exploratória se esforça em melhor definir novos conceitos a estudar, apontando também para a melhor maneira de medi-los (Pinsonneault e Kraemer, 1993). A estratégia exploratória permite também levantar características inéditas e novas dimensões a respeito da população-alvo.

O material base desta pesquisa foi colhido durante o primeiro semestre de 2009. Foram pesquisados 110(cento e dez) professores do município do Rio de Janeiro. A amostra possui faixa etária, formação e tempo de atuação variados. Além de trabalhar em diferentes segmentos, tanto da rede pública quanto privada..

A enquete foi aplicada diretamente para que fosse respondida. O interesse da pesquisa apresentou a intenção de coletar dados que serão analisados e categorizados, a pergunta foi respondida de forma espontânea e baseada no conhecimento próprio, sendo esses profissionais identificados por letras. Aos professores citados foi feita a seguinte pergunta aberta:

Quais as principais características do professor que vai trabalhar em ambientes virtuais de aprendizagem?

Foram citadas 42 características diferentes.

Tabela 1

- | | | |
|-------------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| • Domínio das tecnologias | • Parceiro dos alunos | • Bem informado |
| • Capacidade de adaptação | • Motivador | • Dinâmico |
| • Constante atualização | • Autor do conhecimento | • Ético |
| • Flexibilidade | • Disponibilidade | • Inovador |
| • Ser incentivador | • Comunicativo | • Articulador |
| • Ser participativo | • Hábil | • “Consciente de seu papel” |
| • Mediador | • Criativo | • Dedicado |
| • “Provocador” | • “Aberto ao novo” | • Interessado |
| • Pesquisador | • Pró-ativo | • Persistente |
| • Orientador | • Observador | • Domínio dos conteúdos |
| • Capacidade de síntese | • Responsável | • Tolerante |
| • Organização | • Calmo | • Sensível |
| • Ser didático | • Respeitoso | |
| • Facilitador da aprendizagem | • Cuidadoso | |
| | • Atencioso | |
| | • Comprometido | |

Muito já foi falado do quanto o mundo atual confronta os educadores no que diz respeito a reinventar a escolar e a sua própria prática enquanto educador. A prática pedagógica deve ser repensada constantemente, pois só assim poderá acompanhar e atender a todas as mudanças que atingem a escola e a educação como um todo, uma vez que as exigências do mundo contemporâneo são cada vez mais intensas.

Dessa forma, a necessidade de um novo perfil de educador se torna cada vez maior, não podendo ser ignorada. Os constantes avanços tecnológicos, tanto nos meios de informação e comunicação como em outras áreas, exigem transformações da sociedade. E, em decorrência disto, a atividade docente deve se modificar para que faça frente aos novos desafios que se apresentam.

Neste contexto, a pergunta feita aos professores através da enquete visa buscar a visão dos próprios docentes a respeito das novas exigências feitas a eles pela sociedade.

Utilizando os conceitos de Belloni (2001), é possível encontrar um novo papel do professor. Ele deve constituir-se em um “parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento, isto é, em atividades de pesquisa e na busca da inovação pedagógica”.

A autora apresenta três dimensões dos saberes docentes:

- Pedagógica – orientação, aconselhamento e tutoria (conhecimentos do campo específico da Pedagogia).
- Tecnológica – relações entre as tecnologias e a Educação (produção, avaliação, seleção e definição de estratégias de uso de materiais pedagógicos).
- Didática – formação específica do professor em determinados campos científicos, com necessidade constante de atualização.

A essas três dimensões Oliveira (2004) acrescenta uma quarta dimensão, a de “saberes pessoais”, que se assemelham ao que Tardif (2002) chama de saberes experienciais. Estes seriam os saberes desenvolvidos pelos próprios professores ao longo de sua prática, no exercício das suas funções e vão sendo incorporados à experiência individual e coletiva através do “saber - fazer” e do “saber – ser”.

Partindo dos conceitos acima citados, as características mencionadas pelos professores na enquete foram categorizadas em cada uma das quatro dimensões de saberes docentes.

Foram citadas pelos professores pesquisados 42 características diferentes (Tabela 1). Do total, 11 características se enquadraram na dimensão pedagógica e 11 na didática, o correspondente a 26% cada. Na dimensão tecnológica foram mencionadas 5

características, equivalente a 12%. Por fim, foram mencionadas 15 características da dimensão pessoal, representando 35% do total (Figura 2).

Na dimensão pedagógica temos como exemplos de competências a capacidade para interagir com os conteúdos e com o material didático, difundindo-os e dinamizando-os; a utilização de estratégias de orientação, acompanhamento e avaliação (somativa e formativa) da aprendizagem dos alunos, identificando as dificuldades surgidas e tentando corrigi-las. Também temos a demonstração de rapidez, clareza e correção na resposta às perguntas e mensagens enviadas. E por fim, o estabelecimento regras claras e definidas para o trabalho a ser desenvolvido.

Nas respostas dos professores temos como pertencentes a dimensão pedagógica as seguintes características:

- Ser incentivador; Mediador; Orientador; Facilitador da aprendizagem; Parceiro dos alunos; Motivador; Autor do conhecimento; Disponibilidade (De tempo e acesso); Dinâmico; “Consciente de seu papel” (também em relação à tecnologia); Domínio dos conteúdos.

Dentro do que chamamos de dimensão tecnológica é possível encontrar a disposição para a inovação educacional, em especial aquela que tem suporte nas tecnologias de informação e comunicação. Como também a adequação das tecnologias, e do material didático do curso, às diferenças culturais; além do domínio das ferramentas tecnológicas empregadas (“letramento tecnológico”).

As características citadas que se enquadram nesta dimensão são:

- Domínio das tecnologias; Capacidade de adaptação; Flexibilidade; “Aberto ao novo” (Não ter preconceitos); Inovador.

Na dimensão didática há o conhecimento do conteúdo do curso a ser ministrado; a capacidade de realizar intervenções didáticas com a frequência, oportunidade e sequencialidade necessárias; utilização de estratégias didáticas adequadas às diferenças culturais, para dinamizar discussões animadas e produtivas, para a proposição de tarefas e o esclarecimento de dúvidas; e mais a proposição e supervisão de atividades práticas, que completem os conhecimentos teóricos do curso.

Nas respostas dadas pelos professores encontramos relativas à esta dimensão as seguintes características:

- Constante atualização; Ser participativo; “Provocador”; Pesquisador; Capacidade de síntese; Organização; Ser didático; Comunicativo (Boa comunicação); Criativo; Bem informado; Articulador.

Por fim, na dimensão pessoal temos a habilidade para interagir com os alunos, de forma presencial e não – presencial, individualmente e em grupos, encorajando-os e incentivando-os, minimizando desta forma a evasão. Também encontramos a habilidade para manter relações menos hierarquizadas, a disposição para estimular a autonomia e a emancipação do aluno, delegando-lhe o controle da própria aprendizagem e a competência para a conversação racionalmente comunicativa (dialogicidade, no sentido explicitado por Paulo Freire).

Nesta dimensão encontramos as seguintes repostas:

- Hábil (para lidar com situações e/ou problemas); Pró-ativo; Observador; Responsável; Calmo; Respeitoso; Cuidadoso; Atencioso; Comprometido; Ético; Dedicado; Interessado; Persistente; Tolerante; Sensível.

Analisando as respostas dos professores foi possível perceber que a característica mais citada foi o domínio das tecnologias, aparecendo em 59 das 110 respostas. A segunda característica a ser mais lembrada pelos professores foi a constante atualização, que aparece em 22 respostas. Em terceiro lugar vem o dinamismo, citado 19 vezes (Figura 3). A disponibilidade vem em seguida, em 18 respostas. Os professores também afirmaram a necessidade desse “novo profissional” ser um motivador de seus alunos, criativo e comunicativo.

Estas foram as características mais lembradas pelos docentes pesquisados, aparecendo em diversas respostas. Isso reforça ainda mais o surgimento de um novo perfil profissional, pois características como parceria, criatividade e inovação não seriam exigidas de um educador tradicional, anos atrás. E os próprios profissionais da área já perceberam isso, como relata o professor A:

“O professor deve entender que os tempos são outros, os alunos possuem um perfil diferente e cabe a nós nos adaptarmos a esse perfil”.

A necessidade de atualização constante do professor cresce, não só em relação à sua disciplina específica, como também no que se refere às metodologias de ensino e às novas tecnologias. A formação do professor deve atender as mesmas exigências dos demais setores da sociedade: formar um ser autônomo, não um receptor de informações pré-moldadas, repetidor de modelos estáticos em sua atuação profissional. A esse respeito, o professor B cita:

“O professor de ambientes virtuais é caracterizado por ser aquele que propõe uma aprendizagem colaborativa onde se torna o mediador e o orientador da comunicação e da troca de informações pela rede, entre seus alunos e com seus alunos, os estimulando na produção de seus

conhecimentos e nas realizações de tarefas. Deixa de ser aquele que fornece respostas prontas e passa a ser aquele que propicia experiências em pesquisas e a formação de um sujeito crítico a fim de adquirir e produzir o conhecimento”.

E o professor C continua essa abordagem afirmando que:

“Juntos, professor e aluno trocam seus saberes e produzem o conhecimento”.

O fato de mais da metade dos professores ter mencionado o domínio das tecnologias como uma característica necessária demonstra a necessidade da capacitação destes profissionais para o trabalho com os recursos tecnológicos, seja na formação inicial ou em oportunidades de atualização. Pois a formação do professor é o ponto chave para a modernização do ensino.

A rápida evolução da sociedade criou novas necessidades no campo da educação e, conseqüentemente, da formação, que levam à busca de alternativas aos sistemas tradicionais. Há que se incentivar novos estudos relacionados não só a possibilidades do uso de novas tecnologias na formação de professores, como também a própria formação desses professores em novas tecnologias. O professor precisa estar aberto e instrumentalizado para ler o novo. Como afirma o professor D:

“São professores que estão abertos e que acreditam em novas formas de aprendizado”.

Considerações Finais

Na sociedade contemporânea, as profundas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico e os meios de informação e comunicação exercem uma força brutal nas relações sociais e em todas as instituições de nossa sociedade, exigindo um reposicionamento e a busca de um novo perfil frente aos novos desafios que surgem. Conseqüentemente, a atividade docente vem se modificando para atender a essas transformações que atingem crucialmente a escola, suas concepções, suas formas de construção do saber. Há, sem dúvida alguma, uma mudança de paradigma que está exigindo um novo modelo de escola, e um novo perfil de professor que possam estar a serviço de uma educação que atenda efetivamente as demandas da população.

Dessa forma, a prática docente deve ser repensada, de forma urgente, para que possa atender a todas as transformações que atingem a educação.

Trata-se de um grande desafio mudar a forma de ensinar e de aprender, principalmente numa estrutura educacional que, tradicionalmente, está preparada apenas para reproduzir conhecimentos. E a única maneira de assumir essas mudanças com responsabilidade é compreendê-las.

Contudo, um repensar da prática docente para fazer frente aos novos desafios é premente e justificado. A docência constitui um campo específico de intervenção profissional na prática social. E a participação dos professores, é de fundamental importância na consolidação de mudanças que tragam efetivamente uma melhoria da qualidade de ensino.

É preciso um professor que exerça um trabalho de qualidade e que não se limite à formação inicial. Pelo contrário, é necessário que desenvolva processo de formação permanente que tome a prática docente como fundamento para a reflexão, desenvolvendo uma postura de profissional reflexivo, pesquisador da própria prática, munido de formação teórica competente que o prepare para ver o mundo na sua globalidade e não de forma fragmentada.

A dinâmica do mundo moderno impõe, em todas as áreas, profissionais questionadores e dinâmicos, que ultrapassem os limites da simples execução. A capacidade de pensar e decidir são essenciais para a assimilação de mudanças e para o confronto com desafios que surgem todos os dias.

Uma nova visão sobre o que se pretende nessa mudança deve partir primeiro sobre o modo de como se ensina, se aprende, se avalia e se compartilha e como se constrói essa relação onde todos são agentes de aprendizagem.

É preciso deixar a visão da tecnologia como “algo que chega” e que é ela que tem efeito sobre os alunos e sobre a escola. As ferramentas tecnológicas são apenas ferramentas, que só produzirão algum efeito na escola, se os professores se apropriarem delas, transformando-as em recursos a favor da aprendizagem e integrando-as aos outros recursos disponíveis. Isto supõe o uso das tecnologias da informação e comunicação com intencionalidade pedagógica, integrando-as como recursos dentro do planejamento do processo de aprendizagem.

Desta maneira, o professor aparece como o elemento chave. Ele é encarregado de fazer uso de tais recursos tecnológicos para atingir seus objetivos. Ele decidirá a hora, os conteúdos, os níveis e as possibilidades na utilização do computador. Para isso ele precisa de formação, apoio e acompanhamento pedagógico. Ele deve ir se apropriando progressivamente dessas tecnologias, pensando num minimalismo tecnológico onde

controlar e dirigir o processo de inserção dessas ferramentas é fundamental para o sucesso do uso dos recursos.

Isso requer dos educadores novas habilidades para oferecer aos alunos novas oportunidades de aprendizagem. Ele deve tomar decisões pedagógicas acertadas com respeito a como e quando inserir a tecnologia na sala de aula. Trata-se de pensar o que ele deseja fazer com seus alunos, para depois utilizar as metodologias e os recursos para consegui-los.

Portanto, o reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir na formação de professores as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias. No contexto de uma sociedade do conhecimento, a educação exige uma abordagem diferente em que o componente tecnológico não pode ser ignorado.

Referências Bibliográficas

BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas: Ed. Associados, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COOMB, Philip. **A crise mundial da educação**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

OLIVEIRA, Eloiza Gomes; DIAS, Alessandra Cardoso e FERREIRA, Aline Campos. A importância da ação tutorial na educação a distância: discussão das competências necessárias ao tutor. **Anais do VII Congresso Iberoamericano de Informática Educativa**, 2004.

POSTMAN, Neil. **O fim da educação**. Redefinindo o valor da escola. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

PINSONNEAULT, A., KRAEMER, K. L. Survey research methodology in management information systems: an assessment, **Journal of Management Information Systems**, Automs, 1993.

SOBRINHO, Carlos A. Informática no ensino fundamental: uma leitura de percepções docentes. Rio de Janeiro: **Dissertação de Mestrado**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1997.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Anexos

Figura 1

Características citadas na enquete

Dimensões	Pedagógica	Tecnológica	Didática	Pessoal
Características	<ul style="list-style-type: none"> •Ser incentivador •Mediador •Orientador •Facilitador da aprendizagem •Parceiro dos alunos •Motivador •Autor do conhecimento •Disponibilidade •Dinâmico •“Consciente de seu papel” •Domínio dos conteúdos 	<ul style="list-style-type: none"> •Domínio das tecnologias •Capacidade de adaptação •Flexibilidade •“Aberto ao novo” •Inovador 	<ul style="list-style-type: none"> •Constante atualização •Ser participativo •“Provocador” •Pesquisador •Capacidade de síntese •Organização •Ser didático •Comunicativo •Criativo •Bem informado •Articulador 	<ul style="list-style-type: none"> •Hábil •Pró-ativo •Observador •Responsável •Calm •Respeitoso •Cuidadoso •Atencioso •Comprometido •Ético •Dedicado •Interessado •Persistente •Tolerante •Sensível.

Figura 2

Percentual de respostas por dimensão

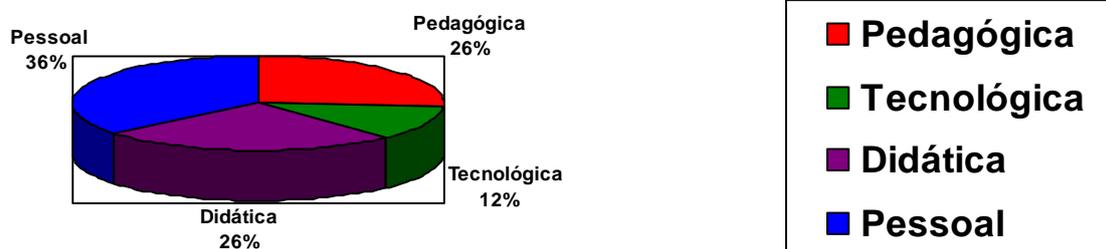


Figura 3
Características mais citadas

